



## **Livros de auto-ajuda: objetos de consumo pós-modernos<sup>1</sup>**

Leonardo Schabbach Oliveira<sup>2</sup>

Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (ECO/UFRJ)

### **Resumo**

O presente artigo pretende dissecar as razões para o sucesso dos chamados “livros de auto-ajuda”. Propõe-se que, por intermédio de uma visão focada no modo de vida pós-moderno, é possível observar o grande apelo que os livros do gênero possuem na atualidade. Somente desta maneira se pode percebê-los como *produtos de consumo* altamente adaptados à pós-modernidade; isto é, como são produzidos para atender a uma demanda típica deste período.

### **Palavras-chave**

Auto-ajuda; Consumo; Pós-modernidade; Cultura; Identidades

## **1. Introdução**

Os livros de auto-ajuda são um fenômeno de grande sucesso no mundo inteiro. No Brasil, inclusive, é cada vez mais comum se ver editoras que se sustentam somente com as vendas de livros deste gênero. Por este motivo, torna-se extremamente interessante para o âmbito da comunicação e do consumo procurar compreender as razões que proporcionaram o sucesso deste tipo de livro. Vale lembrar também que a auto-ajuda é um ramo que movimenta bilhões de dólares por ano e não se remete apenas a obras escritas, mas também a comerciais, catálogos, institutos holísticos, fitas de áudio, palestras motivacionais e etc...

Este artigo tem a intenção de investigar as razões por trás do sucesso deste fenômeno. Por intermédio de um olhar focado no modo de vida pós-moderno, pretende-se mostrar como a auto-ajuda aparece altamente atrelada ao consumo, revelando-se aos

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na categoria Divisões Temáticas, na área de Estudos Interdisciplinares de Comunicação, do XIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação da Região Sudeste. Dedico o presente artigo ao professor Márcio Tavares d’Amaral (ECO/UFRJ) pela sua ajuda e paciência para nos explicar a filosofia pós-moderna e uma nova visão da história da filosofia.

<sup>2</sup> Mestrando do curso de Pós-graduação em Comunicação e Cultura: Mídias e Mediações Socioculturais, da ECO/UFRJ. E-mail: leoschabbach@gmail.com



indivíduos como um porto seguro em meio a um mundo desregulamentado, um lugar onde eles podem encontrar o sentido que procuram dar às suas vidas. Este sentido, entretanto, geralmente não passa de algo superficial; assim que determinado livro se prova incapaz de gerar conforto e felicidade, o indivíduo pós-moderno corre para a livraria mais próxima visando comprar outra filosofia de vida, uma filosofia que consiga dar uma resposta *eficaz* aos seus anseios.

Naturalmente, para que um estudo como este possa ser realizado, é preciso fazer uma comparação entre a vida do homem moderno e do pós-moderno de modo a compreender como a sua relação com o mundo se modificou. Só assim será possível perceber o porquê do enorme sucesso alcançado pelos livros de auto-ajuda.

Todavia, ainda será interessante demonstrar como estes livros se encaixam com perfeição na lógica de consumo atual. Isto é, como são capazes de produzir sentidos por intermédio de um produto imaterial – afinal, o produto comercializado pelo livro de auto-ajuda evidentemente não se trata do livro físico – e de, algumas vezes, oferecer às pessoas uma possibilidade de fácil mobilidade social (os famosos “10 passos para o sucesso”).

## **2. A vida na modernidade**

Zygmunt Bauman traz uma boa proposta de se conceituar a vida na sociedade moderna, em seu livro “O mal-estar da pós-modernidade”. Utilizando-se dos pensamentos de Freud, ele apresenta a idéia de que a modernidade se sustenta no tripé beleza, pureza e ordem.

A beleza seria tudo aquilo que se espera de uma sociedade civilizada; “isto é, tudo o que dá prazer da harmonia e perfeição da forma” (BAUMAN: 1997; 8). A pureza e a ordem são dois elementos que procuram manter a beleza num mundo civilizado. Enquanto a pureza nos traz a idéia de que determinados elementos estão fora do lugar, portanto são sujios, a ordem é a seqüência repetitiva que garante que as coisas serão feitas da forma certa, que serão tomadas as medidas para se eliminar ou purificar as impurezas.

Trabalhando estes três conceitos, pode-se compreender com alguma precisão a vida na modernidade. Antes, porém, é necessário lembrar os processos históricos que



envolveram o período e que em muito influenciaram o funcionamento do tripé, principalmente no que diz respeito à pureza.

De uma maneira geral, considera-se que a modernidade está intimamente ligada ao capitalismo. Uma vez que o projeto americano derrotou o soviético, este se tornou um dos principais motivos para muitos a considerarem acabada e apontarem a pós-modernidade como o estágio terminal da história. A grande questão é que, embora o capitalismo tenha muitas vezes pautado a vida do homem moderno, não é ele o principal ator deste período.

A modernidade foi, na realidade, comandada pelos ideais científicos. A obsessão pela verdade e a idéia de uma civilização capaz de colocar o mundo em completa harmonia foram os grandes motores da sociedade da época. Logo, não é de se estranhar que o sonho da pureza, como nos revela Bauman, tenha sido um fator essencial na vida do indivíduo moderno, fator que inclusive levou à barbárie da “Solução Final Alemã”.

Num mundo em que se buscava a verdade especialmente por intermédio do saber científico, estabeleceu-se a idéia de evolução, que neste caso em muito foi influenciada pelos avanços tecnológicos capitalistas. Dentro deste ideal, surgiram teorias, como a do evolucionismo, que traziam a idéia de que determinadas raças seriam evolutivamente superiores a outras. No caso do nazismo alemão, levou-se o sonho da pureza até as últimas conseqüências e houve a tentativa de se livrar de toda a raça que pudesse tornar o mundo imperfeito; isto é, menos evoluído. Como observou a escritora americana Cynthia Ozick a “Solução Final Alemã era uma solução estética; era uma tarefa de preparar um texto, era o dedo do artista eliminando uma mancha; ela simplesmente aniquilava o que era considerado não-harmonioso” (OZICK *apud* BAUMAN: 1997; 13).

Mas a pureza não se resume à questão da raça. Ao se pensar na ordem como uma seqüência repetitiva cujo objetivo é garantir que as coisas sejam feitas de maneira a remover ou transformar as impurezas e assegurar a harmonia, percebe-se que se está tratando também de uma questão de comportamento. Desta maneira, criou-se uma civilização que deveria educar o mundo; viveu-se o ideal de ensinar o outro a viver de maneira limpa, a buscar a beleza, a seguir determinada ordem. Existiam aqueles que educavam e os que eram educados. Entretanto, no final, todos precisavam passar por um mesmo processo; um processo de castração das liberdades individuais em prol de um



bem-estar coletivo. Isto significa dizer que o homem abriu mão de um pouco de sua liberdade em troca de uma vida segura.

No mundo civilizado, as pessoas precisam aprender a controlar os seus instintos. Apenas deste modo seria possível atingir o sonho da pureza, apenas deste modo os indivíduos se tornariam civilizados e a sociedade poderia finalmente atingir uma harmonia perfeita. Segundo Bauman, não há nenhum meio de pensar sobre a pureza “sem ter uma imagem da ‘ordem’, sem atribuir às coisas seus lugares ‘justos’ e ‘convenientes’ – que ocorre serem aqueles lugares que elas não preencheriam ‘naturalmente’, por sua livre vontade” (*Ibidem*; 14).

O mal-estar da modernidade, portanto, está justamente na troca de liberdade por segurança. Quanto maiores forem as certezas, quanto maior for a ordem, maior será o mal-estar. Conseqüentemente, quanto maior for a liberdade menor será o mal-estar. Esta é a grande questão do “homem civilizado” – que pode ser lido aqui como “homem moderno” – como apontou Freud: a dicotomia entre o desejo pela liberdade e a imposição de uma ordem na vida coletiva e individual, o prazer da liberação dos instintos que se esconde por trás de uma sociedade controladora.

A vida na modernidade era envolvida por este ambiente. O futuro não era uma preocupação central, pois havia toda uma proteção social, um “estado de bem-estar”, que dava segurança aos indivíduos. A grande questão que envolvia as pessoas era a do comportamento. Seguindo o ideal de pureza, determinadas ações simplesmente não eram aceitáveis em determinados locais. Era necessário saber como se comportar em cada localidade, uma vez que um tipo de comportamento poderia ser aceitável em certas ocasiões e completamente repudiado em outras; isto é, um comportamento poderia ser considerado impuro se praticado em determinada situação ou puro se praticado em outra, como afirma Bauman:

Não são as características intrínsecas das coisas que as transformam em “sujas”, mas tão-somente sua localização e, mais precisamente, sua localização na ordem de coisas idealizada pelos que procuram a pureza. As coisas que são “sujas” num contexto podem tornar-se puras exatamente por serem colocadas num outro lugar – e vice-versa. (*Ibidem*; 14)

É justamente nesta tensão entre o desejo de liberdade e um comportamento ordenado – a vontade das pessoas de buscar o prazer e de vivê-lo intensamente que não se realiza numa sociedade em que se abre mão da liberdade em prol da segurança – que



vivia o homem moderno. Num mundo como este, a liberdade se torna um grande atrativo. Não é de se estranhar, portanto, que o romance tenha surgido e alcançado o seu ápice neste período, uma vez que ele dava aos indivíduos a possibilidade de viver as aventuras que eles não poderiam experienciar na vida real.

### **3. A vida na pós-modernidade**

Nos dias de hoje, pode-se dizer que houve uma inversão de valores em relação ao período moderno. A segurança sai de cena e gera uma sociedade dominada por mudanças constantes. A pós-modernidade tem o individualismo e o consumo como as suas duas principais colunas de sustentação. Ela é, portanto, marcada pela enorme possibilidade de escolhas, sejam elas comerciais ou não, uma vez que até mesmo as identidades dos sujeitos se fazem e desfazem literalmente por intermédio de uma troca de roupa.

Num mundo pautado pelo consumo, naturalmente as próprias preocupações com o *ser*, as questões dos fundamentos, de identidade e de verdade, estarão em jogo na *realidade consumista*. Desta maneira, nota-se que na pós-modernidade terá mais poder aquele que tiver o maior número de escolhas, aquele que puder experimentar o maior número de possibilidades.

O grande problema é que nem todos têm as condições sociais e financeiras de desfrutar desta liberdade, desta potencialidade de escolhas. Esses são justamente os excluídos do período atual. Cada vez menos os ideais da ciência, do progresso e do evolucionismo – que pautaram a vida na modernidade – influenciam a vida do indivíduo pós-moderno. Acontece que não mais existe a preocupação com estes excluídos que havia no passado. Se antes se tinha o ideal de que era dever do homem civilizar o mundo e dar boas condições de vida a todos os outros homens por intermédio do Estado, o que gerou inclusive o “estado de bem-estar social”, hoje a humanidade foi vencida pelo cansaço, admitindo a impossibilidade dos Estados de dar aos excluídos ferramentas de inclusão e os deixando à mercê de sua própria individualidade. Em seu livro, “O mal-estar da pós-modernidade”, Bauman deixa claro o caráter individual do período:



Isto não significa dizer, porém, que os ideais de beleza, pureza e ordem que conduziram os homens e mulheres em sua viagem de descoberta moderna tenham sido abandonados, ou tenham perdido um tanto do brilho original. Agora, todavia, eles devem ser perseguidos – e realizados – através da espontaneidade, do desejo e do esforço individuais. (BAUMAN: 1997; 9)

É justamente por este motivo, pelo fato de que hoje se vive em um período em que cada indivíduo deve ser o responsável por sua própria felicidade, que se percebe as razões para o aumento do velho discurso de que “os pobres são pobres por culpa deles, por não tentarem como deveriam, pois se lutassem para melhorar de vida certamente estariam em uma situação melhor”. São exatamente as pessoas que não podem corresponder à *sedução* do mercado que são colocadas de fora, deixadas à sua própria sorte; este é o grande teste de pureza da pós-modernidade.

O problema é que nem todos podem passar por esta prova, nem todos têm as condições necessárias para viver o prazer das experiências com tanta intensidade, o que acaba gerando um paradoxo. Enquanto alguns estão inseridos em um mundo de consumo, pautado pela constante troca de identidades e quebra da rotina através de novas experiências, outros vivem sem tantas condições, num mundo em que a mais efêmera certeza ainda tem mais valor do que a liberdade.

Logicamente, já foi possível notar que toda a segurança que existia na modernidade – segurança que era a pedra fundamental deste período – praticamente inexistia no mundo pós-moderno. A sociedade e os indivíduos a trocaram por mais liberdade, alterando radicalmente as prioridades do período anterior.

Como revela Bauman, os “homens e mulheres pós-modernos trocaram um quinhão de suas possibilidades de segurança por um quinhão de felicidade (*Ibidem*; 10)”. Por outro lado, os mal-estares “da pós-modernidade provêm de uma espécie de liberdade de procura do prazer que tolera uma segurança individual pequena demais”. (*Ibidem*; 10)

Isto significa dizer que uma maior liberdade não necessariamente traz uma maior felicidade. Os indivíduos optaram por desfrutar de uma vida mais livre, na qual há uma enorme possibilidade de escolhas, mas se viram forçados a enfrentar a incerteza e a insegurança.

Se por um lado há mais escolhas, por outro há um grande receio de tomá-las. Cada peça de roupa, cada opção de lazer e profissional gera diferentes identidades, assim como diferentes conseqüências. Portanto, ao mesmo tempo, há uma ânsia por



mudanças e um medo de que elas aconteçam, ou de se caminhar em direção a elas. Há uma insatisfação contínua, causada por desejos crescentes que sempre precisam ser realizados, convivendo com as incertezas que a realização destes desejos traz.

Os indivíduos pós-modernos mudam, mas mudam por não saberem realmente quem são e nem o que devem fazer. Mudam por se verem perdidos num mundo que também é alterado constantemente, num mundo em que num dia todos podem estar bem social e financeiramente e no outro podem estar arruinados. Isso acontece porque se vive em uma época em que os fatos são colocados em xeque graças aos avanços tecnológicos que permitem a simulação da própria realidade; um período em que a própria verdade encontra-se esvaziada; ou seja, um momento em que se duvida de tudo, pois há ao menos a certeza de que tudo pode ser colocado em dúvida.

A vida na pós-modernidade, portanto, sofre pela falta de certezas. Não é à toa que, se na modernidade as pessoas procuravam psicólogos e psicanalistas para resolver problemas de ordem comportamental, hoje elas procurem estes especialistas buscando desvendar as suas questões existenciais, querendo expor os medos que têm em relação ao futuro. Numa sociedade que opta por trocar um pouco de segurança por mais liberdade, os indivíduos se vêem presos a um novo Império: o reino da incerteza.

#### **4. O livro de auto-ajuda: certezas e filosofias de vida**

Dentro do contexto pós-moderno, o grande sucesso dos livros de auto-ajuda se torna facilmente compreensível. Num período em que reinam os medos e as inseguranças, a auto-ajuda passa a ser o lugar no qual estes medos podem ser dissolvidos e os indivíduos podem encontrar elementos que os ajudem a pautar as suas vidas e criar suas identidades.

Na pós-modernidade se vive uma crise dos fundamentos. As pessoas não mais sabem no que acreditar e em que se basear para construir as suas filosofias de vida. As incertezas econômicas agravam ainda mais este problema. Se na modernidade havia ao menos uma tentativa de se criar um projeto coletivo ao qual os indivíduos podiam se inserir e gozar de uma tranquilidade relativa em relação ao seu futuro, hoje os esforços devem ser unicamente individuais.



É justamente neste aspecto que se inserem os livros de auto-ajuda. Eles aparecem como uma saída em meio a um mundo que se modifica a todo momento, uma redoma que protege as pessoas de um mundo desregulamentado. Quando o indivíduo moderno se vê sem um projeto coletivo ao qual se inserir e sem saber como se comportar diante da sociedade, os livros de auto-ajuda acenam com as noções de verdade de que estes indivíduos necessitam, dando-lhes um manual de instruções de como se comportar para ter uma vida melhor.

Um grande exemplo deste tipo de livro é o best-seller “O Segredo”, de Rhonda Byrne, baseado em um filme de mesmo nome. A obra apresenta um segredo guardado por anos e praticado por grandes líderes mundiais. De acordo com a autora e diversos especialistas por ela apresentados, há uma lei que rege o mundo, a “lei da atração”, que permite aos seres humanos conseguir tudo aquilo que eles querem. Basta que se emita os pensamentos na frequência correta para que se atraia justamente aquilo que se quer atrair; seja o objeto de desejo dinheiro, amor, amizade e etc...

Fica nítido, portanto, o caráter de segurança transmitido pelo livro. Por mais que a sua vida esteja ruim, por pior que tudo possa parecer, basta que se trabalhe a mente com disciplina para que tudo se modifique e se consiga inclusive ficar milionário, como se pode notar no seguinte trecho do livro:

À medida que o filme impressionava o mundo, muitas histórias de milagres começaram a surgir: as pessoas escreviam sobre cura de dor crônica, depressão e doenças; contavam como voltaram a andar depois de um acidente; até mesmo sobre sua recuperação depois de terem estado à beira da morte. Recebemos milhares de relatos do uso do Segredo para produzir grandes somas de dinheiro e fazer surgir cheques inesperados em meio à correspondência. As pessoas têm usado O Segredo para falarem sobre seus lares perfeitos, cônjuges ou companheiros, carros, empregos e promoções, com muitos relatos de negócios sendo alavancados logo após a utilização do Segredo. (BYRNE; 2007: 10 e 11).

Naturalmente, percebe-se com muita clareza como o livro se apresenta como uma solução definitiva a todas as incertezas da vida. Ele é realmente um porto seguro em meio a um mundo turbulento e instável. Para que tudo dê certo, basta um pensamento. Porém, isso significa dizer que “O Segredo” não apenas fornece as certezas de que as pessoas necessitam. Ele apresenta também toda uma filosofia de vida – e esta é uma segunda característica que pode ser observada em obras de auto-ajuda. Para se conseguir aplicar a técnica apresentada com perfeição, é necessário estar atento, é preciso se policiar e acreditar fielmente naquilo que está escrito. O livro, inclusive, diz





que as três regras principais são “pedir” (mentalizar o que se deseja), “agradecer” (sempre agradecer, mesmo quando o pedido ainda não ocorreu) e então “receber” o que foi desejado.

O que se pretende mostrar, portanto, é que os livros de auto-ajuda também fornecem às pessoas estilos de vida e identidades. Isto acontece justamente por causa do modo de viver e pensar pós-moderno. Como não há um projeto coletivo maior ao qual as pessoas podem fazer parte, a obra de auto-ajuda pode se posicionar como este projeto. Entretanto, só é possível que as pessoas aceitem os preceitos ditados em um livro de auto-ajuda, mesmo quando não há bases concretas para as afirmações apresentadas, pelo fato de que na sociedade pós-moderna não mais se acredita nos fundamentos. Desta forma, basta que aquilo que é apresentado pelo livro funcione de maneira *eficaz* para que seja bem aceito pelo leitor; não é de se estranhar que em “O Segredo” a autora utilize como prova de que o seu método funciona “milhares de relatos do uso do livro” – afinal, isto comprova a sua efetividade.

Do mesmo modo, quando o que foi apresentado começa a demonstrar falhas ou simplesmente não responde mais às necessidades do indivíduo, o livro é descartado, assim como toda a filosofia de vida ou identidade que fora por ele apresentada. Neste aspecto, nota-se a obra de auto-ajuda como um produto de consumo perfeitamente atrelado às características do consumismo pós-moderno, como será demonstrado a seguir.

## **5. O livro de auto-ajuda como produto de consumo**

“A difusão maciça de uma cultura psicológica de massa popularizou as noções de desejo e de prazer e legitimou a construção de projetos individuais, a busca da felicidade privada, a procura por escolhas pessoais, até a excentricidade” (SEMPRINI; 2006: 61). Esta é um das características do consumo pós-moderno, segundo Andrea Semprini, em seu livro “A marca pós-moderna”. Analisando esta afirmação, pode-se observar que muito do apelo da auto-ajuda circunda justamente este aspecto. O indivíduo pós-moderno, vendo-se sozinho e impelido pela sociedade a procurar constantemente à felicidade, algo que deve ocorrer por intermédio de escolhas individuais, recorre à auto-ajuda para ter a certeza de ter tomado a escolha certa, para



seguir com um pouco mais de segurança pelos caminhos desconhecidos que lhes são apresentados.

É interessante observar também como as certezas é que são, em realidade, o produto oferecido pelos livros e serviços de “melhoria pessoal”. Isto significa dizer que o valor de um livro de auto-ajuda em nada tem haver com o seu custo de produção. O que é comercializado é a idéia, o caminho, a verdade por ele apresentados. Como revela Semprini, a “evolução pós-moderna leva os indivíduos a valorizar aspectos cada vez mais abstratos, conceituais, virtuais de suas vidas e de sua interação com o ambiente” (*ibidem*; 63). O indivíduo pós-moderno procura sempre o máximo bem-estar. “O objeto físico, a tecnologia inovadora, o material bem concreto estão completamente consagrados à produção de um benefício totalmente imaterial” (*ibidem*; 64). Ou seja, um livro de auto-ajuda vale por aqueles valores imateriais que pode fornecer (seja conforto, segurança e etc...) e só vale enquanto eles se mostrarem *eficazes*.

Inclusive, esta necessidade de se mostrar eficiente em muito tem haver com uma terceira qualidade dos produtos de consumo pós-modernos apresentada por Semprini; a mobilidade. Esta mobilidade, no entanto, não se refere apenas à possibilidade de locomoção física, mas principalmente à mobilidade social; isto é, a possibilidade de se alcançar a riqueza de maneira fácil. Os *reality shows* são, neste sentido, um grande meio de se alcançar a fama e enriquecer sem esforço; sem ter havido um preparo por anos para colher no futuro aquilo que fora plantado no passado. Assim se apresentam também grande parte dos livros de auto-ajuda: como caminhos fáceis para se atingir o sucesso pessoal e/ou econômico.

Entretanto, assim como um *reality show* que se propõe transformar um desconhecido em um astro da música perde o seu apelo quando se prova incapaz de realizar o prometido, um livro de auto-ajuda que se proponha resolver os problemas pessoais de um indivíduo e não consegue também se torna descartável, como seria um vídeo game (produto) incapaz de divertir. É exatamente neste contexto que se pode perceber claramente o livro de auto-ajuda como um *produto de consumo*; um produto com alta afinidade à vida pós-moderna, o que o transforma em algo extremamente atraente e lucrativo.



## 6. Resumo das conclusões

A partir do momento em que se analisa o fenômeno dos livros de auto-ajuda por uma visão sobre a forma de vida pós-moderna, ficam claras as razões para o seu enorme sucesso na atualidade. Além de serem capazes de dar as certezas e os sentidos de que os indivíduos pós-modernos necessitam, os livros do gênero aparecem como *produtos de consumo*, algo até então não comum ao mercado editorial (embora a maioria dos *best-sellers* ficcionais também apresentem características de produto). Quando se cria uma obra, normalmente não se pensa a história ou a idéia que será contada com o intuito de corresponder a determinada demanda, a um nicho de mercado específico. Mesmo os *best-sellers* ficcionais que se relacionam um pouco com os conceitos da auto-ajuda fazem parte da criação do autor; não são totalmente criados em cima de uma demanda social. Esta particularidade dos livros de auto-ajuda é exatamente o que os diferencia das demais obras colocadas no mercado e os torna produtos de consumo extremamente bem posicionados.

Logo, se a própria pós-modernidade é apontada por muitos como uma sociedade do consumo, é mais do que natural que se veja uma ascensão meteórica deste tipo de livro. Em um período em que os indivíduos são instigados a consumir sempre novas idéias e procurar sempre por novas sensações, os livros de auto-ajuda se destacam. Seja por estarem incertas ou por simplesmente estarem com vontade de mudar a sua imagem perante outros (trocarem, portanto de identidade, ao menos *aparentemente*), as pessoas procuram a auto-ajuda. Seja por intermédio de três, quatro, sete ou dez passos, basta que um livro dê uma resposta *eficaz* para que venda. E caso ele deixe de ser eficiente, uma pilha de livros multicoloridos estará pronta para tomar o seu lugar.



## Referências bibliográficas

AMARAL, Marcio Tavares d'. *Comunicação e diferença*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2004.

BAUDRILLARD, Jean. *Simulacros e Simulações*. Lisboa: Relógio d'Água, 1991.

\_\_\_\_\_. *Da Sedução*. São Paulo: Editora Papyrus, 5ª ed., 2005.

BAUMAN, Zygmunt. *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

BYRNE, Rhonda. *O Segredo*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2007.

CASAGRANDE, Rafael Coelho. *Do estágio ao emprego em 10 passos*. Porto Alegre: Imprensa Livre Editora, 2007.

DEBORD, Guy. *Sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DOUGLAS, M., ISHEWORD, B. *O Mundo dos Bens*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 24ª ed., 2007.

REFKALEFSKY, Eduardo; SCHABBACH, Leonardo. *Virtual e economia: a segregação do pensamento pós-moderno*. Artigo publicado nos anais do XXXI Intercom Nacional, 2008.

SODRÉ, Muniz. *Antropológica do Espelho*. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2002.

SCHABBACH, Leonardo. *A nova posição da ficção na pós-modernidade e a mídia*. Monografia de final de curso em Comunicação Social – Jornalismo (ECO/UFRJ).

SEMPRINI, Andrea. *A marca pós-moderna*. São Paulo: Estação das Letras, 2006.